

O luto e a morte em *Exílio* de Lya Luft

Claudia Vanessa Bergamini¹

RESUMO: *Exílio*, romance de Lya Luft, é uma narrativa complexa, na qual se encontram expostos os dramas existenciais que cercam a Doutora, a protagonista. O suicídio da mãe, seguido do menosprezo que esta sempre dispensou aos filhos, são fatores que a levam rumo ao luto constante. Além disso, observa-se o seu exílio, revelado em suas ações, pela forma que expressa seus sentimentos, pela dor que sente advinda da ausência da mãe e por não conseguir compreender o passado latente. Este trabalho apresenta um estudo de *Exílio*, no qual se discute a questão da morte, revelada como uma situação de isolamento e como dor intensa.

Palavras-chave: Morte. Exílio. Luto.

ABSTRACT: *Exile*, romance of Lya Luft, is a narrative, in which if they find displayed the dramas existenciais that surround the Doctor, the protagonist. The suicide of the mother, followed of the disdain that this always excused to the children, is factors that take it route fight to it constant. Moreover, its exile, disclosed in its action observes itself, for the form that express its feelings, for the pain that feels happened of the absence of the mother and for not obtaining to understand the latent past. This work presents a study of *Exile*, in which if the question of the death argues, disclosed as an isolation situation and as intense pain.

Word-key: Death. Exile. I fight.

1. Introdução

Nos anos de 1980, Lya Luft despontou como uma das grandes escritoras brasileiras. A gaúcha de Santa Cruz do Sul, que iniciou sua carreira no âmbito literário como tradutora, produziu também gêneros como crônicas, poemas, contos, ensaios. Trata-se de uma autora contemporânea, viva, cuja produção atual mantém a mesma qualidade que a consagrou como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira Contemporânea. Em 1979, depois de um grave acidente, entregou-se à ficção e à morte, tema presente em grande parte de seus romances, os quais passaram a intrigar leitores e críticos com suas personagens desprezadas pelas mães, em geral mulheres que não conseguem conciliar os vários papéis que desempenham em seu cotidiano. Vítimas de um passado doloroso que passa a ser relembrado em busca de modificar o futuro. Sua escrita contempla suas perplexidades como

¹ Formada em Letras Hispano-portuguesa (UEL/2006). Especialista em Literatura Brasileira (UEL/2008). Aluna do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina (2010).

ser humano: “escorre de fendas onde se move algo que, inalcançável, me desafia” (LUFT, 1996, p. 14).

É o que ocorre em *Exílio*, obra que compõe o *corpus* deste trabalho. Romance escrito e lançado em 1987 é “considerado por muitos críticos como o ponto máximo da carreira de Lya Luft. É um dos seus mais complexos romances” (BATISTA, 2007, p. 37). *Exílio* é narrado por uma protagonista sem nome que expõe a vida da mulher a qual, diante da descoberta de traição do marido e do envolvimento amoroso que mantém com Antonio, decide abandonar a ele e ao filho Lucas, escolhendo para viver a Casa Vermelha, situada na cidade vizinha, onde também vive seu irmão Gabriel. A construção narrativa do romance permite ao leitor a identificação da crise emocional vivida pela protagonista. Por causa desta crise, o leitor adentra em um universo envolto pela morte e pelo constante estado de luto.

2. Perda e morte: a tênue relação entre os termos

A morte está ligada à perda, e esta se refere ao ato de abster-se de algo que se tem. O termo *perda*, no dicionário, é apresentado de duas maneiras: como “privação de algo que se possui ou de alguém com quem se convivia; morte” (HOUAISS, 2004, p. 562). Neste trabalho, toma-se o termo a partir das duas perspectivas, ou seja, como morte física do corpo, separação e como perda de algo ou de alguém, distanciamento. Dentro de *Exílio*, muitas são as perdas vividas pela protagonista, as quais fazem com que ela expresse seus sentimentos da seguinte maneira: “[...] ainda sinto a solidão de menina: mas me pesa muito mais. Tive perdas demasiadas [...]” (LUFT, 1987, p. 17). Ela elenca todas as perdas recentes sofridas, expondo-as como “feridas com sangue vivo: minha casa, profissão, amigos, cidade, segurança, e meu filho Lucas” (LUFT, 1987, p. 21). Já as perdas do passado, ela explica estarem “reavivadas, e cheias de pus; o tempo as infeccionou, e eu nem sabia: a morte de minha mãe; de meu pai; a morte de meu irmão, pois de certa forma, embora viva aqui no andar de cima, cuidado pelo Enfermeiro, ele também morreu” (LUFT, 1987, p. 21).

Perdas do presente e do passado, colocadas lado a lado e fazendo doer a alma. A primeira que se deseja falar refere-se a sua profissão, pois já não existe mais a médica com êxito profissional, em nenhum momento do romance a protagonista se sente como tal. A impressão que se tem é de que tudo que ela já fora um dia se perdeu e restaram as dúvidas sobre algum dia retomar a profissão, como se observa nessa passagem:

Acho que nunca mais conseguirei trabalhar. Eu que amava minha profissão; sentia estar também parindo aqueles bebês, vendo a vida brotar de futuras mães com seus

ventres distendidos e doces olhos um pouco assustados, eu me sentia, forte e segura. Nunca mais terei aquelas mãos firmes, aquele jeito autoritário e sereno (LUFT, 1987, p. 46).

Nota-se que o amor antes nutrido pela profissão se dissolveu, já não pode mais ajudar aos bebês que precisam emergir para a vida. Suas mãos perderam a força e seu olhar já não oferece a mesma segurança que no passado o sustentava, e uma certeza: as mãos seguras e a serenidade jamais voltarão, embora indague sobre sua vida e sua profissão:

E minha clínica, poderei refazer isso também? Os ventres tensos, as caras assustadas: dentro, os corações dos bebês batendo depressa como os de passarinhos, os das mães mais graves, lentos; e eu pensando: para que eu vou ajudar todos esses a nascer, para serem no futuro amargurados e traídos, traidores e canalhas, e caminharem irremediavelmente para a morte? (LUFT, 1987, p. 160-161).

Dor, revolta, angústia: o que a deixa assim? Por que deixar de ser a médica competente que fora um dia? A falta de desejo em retomar a profissão advém de um sentimento de culpa que pesou em sua alma, pois a protagonista acredita ser a profissão o motivo principal de seu distanciamento com Lucas e com o marido. No momento em que descobre a primeira traição de Marcos, ela percebeu que seu mundo estava quebrado, mesmo com a tentativa do casal em retomar o casamento ela sentia que:

[...] alguma coisa se quebrara; meu mundo sofrera uma rachadura importante; nosso pacto fora rompido, e eu não consegui mais sossegar. Comecei a achar que minha profissão me mantinha longe demais de casa, não era incomum levantar da cama e sair no meio da noite para atender a um parto; muitos dias chegava em casa exausta no fim da tarde, mal conseguia jantar; brincava um pouco com Lucas, distraída, e me arrastava para a cama; ou ficava acordada até tarde, estudando um caso difícil (LUFT, 1987, p. 48).

A ausência da protagonista em sua casa acarretou na negligência com o filho, possibilitando a Marcos cuidar melhor de Lucas: “com um trabalho menos absorvente, lhe dava banho quando a babá não estava; era Marcos quem lhe contava histórias para dormir; era Marcos quem o levava a passear quando eu estava cansada demais. Havia laços especiais entre eles: eu ficava de fora” (LUFT, 1987, p. 51).

Para ela, a profissão deixava-a de fora da vida do filho, permitindo que a intimidade com Lucas se dissipasse. Não que ela não desejasse ser sua mãe, “[...] receber Lucas nos braços, seu corpo quente, seu rosto alegre, como era antes de sua mãe ir embora; dar-lhe banho, contar histórias; esperar que sua respiração regular me diga que está dormindo; e

então ainda ficar longo tempo sentada, segurando a sua mão, e pensando no milagre de tudo” (LUFT, 1987, p. 56).

Tudo isso fazia parte de seu desejo, que não conseguia concretizar, no entanto, acredita-se que não foi a profissão o pivô do distanciamento com o filho e com o marido. Na realidade, há uma mulher que tenta cobrir os traumas do passado com a construção de uma família, tal qual a que ela gostaria de ter tido. Para ela, a vida estava perfeita e diferente da que ela vivera no passado: “estivera certa de que meu casamento era sólido, minha vida resolvida; marido, filho, alegrias e sucesso me pertenciam depois de longa orfandade” (LUFT, 1987, p. 49).

As marcas do passado, porém, estão presentes em sua vida, assim como os acontecimentos recentes – como a traição do marido – que são na consciência como o soar constante de um sino, levando-a a um estado de crise, a deixá-la cada dia mais fragilizada. Desse modo, sua condição de médica bem-sucedida não pode apagar a criança ferida e rejeitada que ela foi um dia, já que esta ainda continua intensamente viva dentro dela e ainda que a ausência do filho seja tamanha a ponto de a protagonista suplicar: “Quem já teve um menino de seis anos e o perdeu? Se teve, condee-se de mim, e chore comigo” (LUFT, 1987, p. 105) ou ainda: “Sem ele, fiquei uma casa abandonada, portas abertas, assoalho carcomido onde correm sinistras ratazanas” (LUFT, 1987, p. 112), para ela, é impossível o retorno, prefere ficar na casa e viver esse momento de crise existencial e dor profunda.

Outra perda que marca o romance é a morte do Anão, o intrigante amigo que passa a acompanhá-la quando descobre o alcoolismo da mãe: “o Anão apareceu em casa de meu pai no dia que descobri que minha mãe bebia. Pelo menos, nesse dia se apresentou a mim” (LUFT, 1987, p. 57), no momento em que ela chorava por causa de sua descoberta, ele pediu que parasse e deixasse a mãe em paz.

Ao descrever o Anão, ela deixa claro não ser ele igual aos anões de livros, tampouco ser um anão de circo ou que serve ao rei. Como se sabe, os anões dos contos de fadas são retratados como doces homenzinhos; já a figura do anão no circo é cômica e está ligada ao fazer graça, do mesmo modo no palácio, onde o anão está relacionado com a figura do Bobo-da-Corte. O anão de *Exílio* é diferente: “usava roupa preta, séria, um chapeuzinho antiquado na mesma cor” (LUFT, 1987, p. 60) e aparecia “nas horas mais inesperadas” (LUFT, 1987, p. 61).

Trata-se de uma figura emblemática dentro do romance, acompanhou a protagonista desde que soube do alcoolismo da mãe até quando ela chegou ao internato, já mocinha. O Anão retornaria na Casa Vermelha e é com ele que ela conversa e é ele quem a acusa,

colocando-a de frente com a verdade. A primeira delas é a comparação que ele faz da protagonista com a mãe, na passagem que abre o romance: “Você está cada vez mais parecida com a Rainha Exilada” (LUFT, 1987, p. 13). Será que ela tem consciência disso? Observa-se que sim, tem consciência de que está exilada em um mundo no qual um dia sua mãe também viveu. E para não se esquecer disso, ela tem a figura do Anão, que é uma “espécie de consciência acusadora, lembra a Doutora insistentemente dessa semelhança com sua mãe” (BATISTA, 2007, p. 44).

Outra verdade que o Anão lhe apresenta é sobre o filho Lucas, e para isso, ele mexe em profundas feridas:

- Perdi tudo o que tinha – gaguejo. – Viver sem meu filho é como me arrastar por aí com as duas pernas amputadas.
- Perdeu, não. *Deixou!* – diz ele cruelmente, e sua cara é velha e má. – Mas apesar de tudo, você tem a sua profissão – conclui, com fingida gravidade.
- A profissão que vá à merda! – grito, chorando (LUFT, 1987, p. 45).

Ela não tem coragem de admitir que deixou o filho e não o perdeu e todo o entendimento acerca da verdade vem por meio do Anão. Em *Exílio*, ele se mostra sábio, é a voz da verdade, despida de qualquer sentimento, voz dos fatos que ferem e maltratam.

As verdades que a Doutora deseja não enxergar são expostas por ele, ou melhor, pelo tilintar de sua consciência, que sabe ser o Anão “fruto das minhas trevas e nostalgias, companheiro de exílio” (LUFT, 1987, p. 198). Ela sabe ser “Ele o filho da minha solidão, da minha orfandade, da loucura de Gabriel, da sede de minha mãe, filho do pântano que nos engole a todos” (LUFT, 1987, p. 199). A morte do Anão já no final do romance é para ela uma perda irreparável, é como se ele assumisse em seu lugar a morte: “Não me quis a morte: o Anão assumiu todo o meu espaço dentro dela” (LUFT, 1987, p. 200). O choro pela morte de seu amigo é profundo e ela se pergunta: “Já chorei assim alguma vez, eu, que tenho chorado tanto? O choro de quem dá à luz a si mesma, abre as pernas dolorosamente e sai dali entre gemidos fundos, sangue e gosma” (LUFT, 1987, p. 198).

O desfecho trágico do Anão é o adiantamento do fim da protagonista, já que ela, ao final, aniquila seus anseios e se embrenha na floresta que cerca a Casa Vermelha e que durante todo o romance a ‘convida’ para explorá-la:

Estou indo, estou indo. Vou tomar rumo. Ainda não consertaram aqueles arames farpados. Primeiros passos, tropeçando. Cheiro de mato, almíscar, musgos úmidos. Decomposição e nascimento, cogumelos saltando do esterco. Depois meu passo se firma. Aqui e ali, reflexos verdes: ratazanas não têm olhos assim. Aqui haverá enfim lugar, como nunca tive. Avanço rápido, arfando:
- Mãe, mãe... (LUFT, 1987, p. 200).

Nessa belíssima passagem, observa-se que a protagonista encontrou seu fim, o qual se entende ser a morte. Seus primeiros passos rumo à floresta são firmes, lá ela encontrará ‘enfim lugar’, nota-se um sentimento de pertencer a um espaço, não se sentir mais exilada. Depois, ela encontra decomposição e nascimento, palavras com significados opostos. A primeira refere-se àquilo que está se deteriorando, estragando, apodrecendo. Já nascimento, refere-se ao novo, à vida. Assim, entende-se que neste momento ela deixa para trás a vida arruinada por tantos episódios trágicos e se prepara para receber uma nova vida. Vida esta que se faz com a morte, libertando-a dos males tão dolorosos. Talvez, os reflexos verdes sejam os olhos da mãe, a quem tanto buscou na vida e agora poderá ter encontrado na morte.

Ao escrever *Exílio*, Luft vai à contramão, pois não deseja esfumar a morte, antes, porém, propõe uma forte reflexão sobre a presença constante dela, seja como algo desejado, natural, seja como uma dor que adentra o peito e dele não se retira. Dor que perdura por longo período após a morte, às vezes até mesmo por uma vida, a esta dor dá-se o nome de luto.

3. O luto – a dor que não cessa

Em *Exílio*, a protagonista volta-se para si a partir do momento em que perde a mãe. Este mundo, no qual ela se fecha, torna-se ainda mais evidente quando chega à Casa Vermelha, reencontra o Anão e, com ele, o passado, o qual traz para o seu coração uma desconfiança que “corrói tudo, meu amor está recortado como os velhos beirais da Casa Vermelha, trabalhados pelos cupins mais do que pela mão do artista que os criou” (LUFT, 1987, p. 54). Os recortes são feitos pelo tilintar da imagem que ela tanto recorda: “lembro, mais que tudo, minha mãe morta” (LUFT, 1987, p. 74). Ela lembra também do quanto sua mãe a perseguia, fazendo com que tivesse “uma dolorosa insônia, acessos de fraqueza ou medo; jurava ver a morta andando pelos corredores, ouvia seus passos, via seu rosto nos espelhos” (LUFT, 1987, p. 89).

A presença da mãe é paradoxal, isto é, embora esteja morta ela ainda acompanha a protagonista como uma sombra, mostrando-se ora no perfume que a persegue melancolicamente, ora no espelho, quando esta vê a imagem da mãe. Por refletir essa imagem, ela procura não olhar para o espelho, pois lá é o lugar “onde minha mãe aparece; inclina-se para mim, como se me procurasse; tenho medo de que me leve para a sua floresta submersa, cheia de medusas e cavalinhos” (LUFT, 1987, p. 118, 119). No entanto,

embora procure desviar os olhos do espelho, há momentos em que isso se torna impossível, pois fecha os olhos e ao abri-los:

vejo sombras no espelho da cômoda. Não quero olhar, não quero. Mas olho: ela aparece, cada vez mais freqüentemente. Primeiro a barra do vestido longo, depois a mão com o copo, a perna arqueada no passo, o rosto de perfil. Tenho vontade de pedir: Me leva para casa. Nisso, ela se vira e me encara; suas desmesuradas órbitas não estão verdes; cobriram-se de um véu como escamas (LUFT, 1987, p. 165).

Essa perseguição incute-lhe dor, elemento comum do luto. Além disso, “a presença do outro, como agente produtor da dor [...] abre passagem para percorrer esses ‘sulcos’, revelando, pois, verdades veladas pelo tempo” MOREIRA, 2004, p.35, 38). Verdades passadas que doem ao serem trazidas para o presente, sobretudo, quando com elas vem o entendimento maduro da rejeição materna: “Lembro de estar sentada no colo dela; mas não passa os braços ao meu redor: continua rígida, apenas me suporta. Não vejo seu rosto; aninhei-me no seu peito; mas sei que é uma máscara zangada (LUFT, 1987, p. 134).

Ao reviver verdades tão doloridas, a protagonista sente o desejo de preparar “uma injeção para me matar: injeto um líquido amarelo numa maçã vermelha, lustrosa, que vou comer para me dissolver em esquecimento, o que me dá uma grande alegria” (LUFT, 1987, p. 95). No entanto, ela não o faz e, por isso, segue sua dor e angústia, certa de que “continuo viva” (LUFT, 1987, p. 200).

Verificam-se, ainda, sentimentos que podem ser interpretados como luto: não sentir desejo, deixar-se vencer pelas mazelas da alma, ou como observou Freud (1917), perda de interesse. Nessa passagem, a protagonista compara-se à floresta, deixando em evidência o cansaço que já a dominou. “Contemplo a mata, que me fascina; rastejo dentro de mim num chão igual ao dela: ramos caídos, madeiras podres, silenciosos vermes, cogumelos; tudo tão longe das copas do sonho. Ou desço como quem se atira numa funda piscina e vai, em câmera lenta, nesse túnel, até onde permitem náusea e vertigem” (LUFT, 1987, p. 14).

É nítido o sentimento de entrega, tudo nela é negativo, destruído, seus braços são como os ramos caídos, já não têm forças para trazer ao mundo os bebês, para segurar Lucas, para amparar Gabriel; suas pernas são como madeiras podres, não podem conduzi-la para o lugar de doces sonhos, somente para o labirinto, em que está a morte; a vida tornou-se como uma piscina ou um túnel que ao adentrar neles não se sabe até onde é possível suportar. O sentimento de que tudo está se deteriorando é constante, sempre a acompanha o “cheiro de mato, flores e uma vaga podridão” (LUFT, 1987, p. 132).

Assim está a protagonista, o que permite dizer que ela vive luto pela vida de tristeza, pela vida que não viveu com o filho e, sobretudo, com a mãe. A ausência deles lhe traz sofrimento. Este sofrimento “se inscreve nas nossas histórias como uma ruptura no tempo”

(VASSE, 1983 apud MOREIRA, 2004, p. 36). A vivência dele deixa marcas, cortes, a possibilitar uma recuperação constante do passado “que agora vou retomando, nesse período de dor e reflexão” (LUFT, 1987, p. 133).

Dessa forma, o luto ganha significação no romance, à medida que ele propicia a reconstituição do passado, como tentativa de compreender a angústia e o pesar frente à perda, não só a da mãe, como também a perda de uma infância que jamais viveu, sem mácula, sem dor, somente a infância como a de tantas crianças.

4. Considerações finais

O universo de *Exílio* é marcado pelo mundo fragmentado da Doutora. Seu desamparo é grande, ainda maior seu pesar diante de tantas perdas e verdades que, pouco a pouco, emergem como um *flash* em sua memória. Embora não seja seu desejo abandonar Lucas, ela assim o faz, permitindo que o destino siga seu curso, isto é, Lucas, tal qual a mãe, crescerá longe dos afagos maternos, privado do abraço e do carinho tão preciosos. Assim, ela dá continuidade ao estado de distanciamento da mãe, marcando a dura sina que se volta para elas, ou seja, viver separadas, isoladas, viver como Rainhas Exiladas de um reino distante.

Observou-se a composição do difícil viver da protagonista, marcado por separações irrevogáveis. As perdas conduzem-na para um estado de luto e de dor que lateja constantemente na alma. Nesse sentido, verificou-se que a morte envolve o romance. Num primeiro momento é a morte do outro, mas à medida que ela rememora seu passado, seu mundo a conduz para a própria morte. Morte que se apresenta como ‘maldita’ e ao mesmo tempo ‘venerada’; que por um lado é o eco de um tempo de tristeza e dor e, por outro, representa a libertação de uma vida tomada pela aflição e angústia.

Desse modo, verificou-se que a razão já não existe, o que ficou foi a emoção que a arrasta para a floresta convidativa, para o lugar que a conduzirá definitivamente para a morte.

Referências

BATISTA, Donizete A. **Espaço e identidade em Lya Luft: Exílio**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: 2007, 95 f. Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/13603/1/dissert_pdf.pdf Acesso em 19 de julho de 2008.

FREUD, Sigmund (1917[1915]). Luto e melancolia. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 249 - 263.



ISSN: 1984-8625 – número 6 – IFSP – Sertãozinho

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 ed. Ver. E aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LUFT, Lya. **Exílio**. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1996.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. Luto e Melancolia: uma leitura sobre o problema da alteridade. In: **Pulsional** – Revista de Psicanálise. Ano XVII, n. 179, setembro de 2004, p. 33-42.